



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

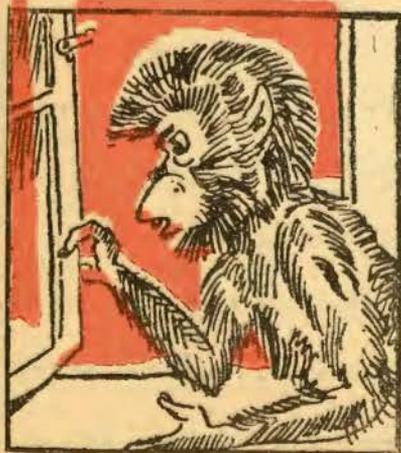
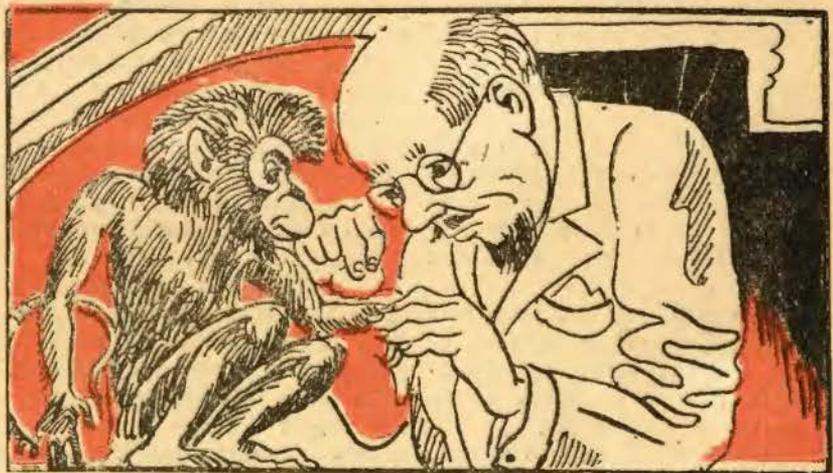
DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

POR J. F. S. DESENHOS DE A. CASTANE

CONHECI, há alguns anos, uma boa e amável senhora que toda a gente estimava e respeitava na pequena vila onde residia. A sua fraca saúde retinha-a muitas vezes em casa. Durante as longas estadias de reclusão, distraía-se na companhia dum pequeno macaco, muito inteligente, que a divertia com as suas amabilidades e gracejos. Puzera ao animal o nome de Jack.

Fora-lhe trazido de Africa por um sobrinho.

Muito dedicado à sua dona, era, porém, muito desconfiado



para com as outras pessoas da casa. Fazia, apenas, excepção do médico, compreendendo, e muito bem, que aquele vinha ver a senhora Delancre para a socorrer.

No entanto, a sua afeição pelo doutor Derban, não ia além duma grave delicadesa; contentava-se em cumprimentar o médico com um gesto familiar, conservando-se tranquilo durante a sua visita.

Grande imitador, como todos os animais da sua espécie, Jack empenhava-se em contradizer os criados, sentindo prazer em se intrometer nos seus serviços.

Uma coisa lhe agradava sobre

todas as outras: fechar as persianas da sala de sua dona. Logo que chegava a noite, julgava de obrigação abrir as janelas fazendo girar os fechos que manobrava com destreza.

Mas um dia, ou porque usasse de menos precaução ou porque os gonzos estivessem um pouco ferrugentos, prendeu a mão entre a madeira e a pedra, e, não a podendo tirar, lançou gritos horrosos.

Socorreram-no, libertando-lhe a mão mas, infelizmente, os membros estavam fracturados, e ainda que o sofrimento fôsse grande,



não permitiu a ninguém que se aproximasse.

Triste e abatido, escondeu-se num canto sombrio, amparando, com a outra mão, o braço ferido. Esperava...

Jack sabia que o doutor Derban viria à tarde fazer a visita cotidiana à sua dona, e, sem dúvida, fez este raciocínio:—«Visto que o doutor cura os doentes, ele saberá, bem melhor que qualquer outro, socorrer-me e curar-me».

Assim, logo que o viu entrar, colocou-se num pulo junto dele, e, com modos suplicantes, mostrou-lhe a mão ferida, implorando piedade.

O senhor Derban posto pela sua cliente no conhecimento da triste aventura, apressou-se a lavar a ferida do animalzinho, colocando-lhe depois as necessárias ligaduras.

Não obstante as torturas suportadas, Jack não manifestara sequer uma queixa: esteve completamente imóvel enquanto durou essa delicada operação.

Quando ela acabou, o macaco agradeceu ao médico, fazendo-lhe carícias, o que, até então, nunca acontecera.

O animal era bonito com o seu

pêlo castanho escuro, olhos brilhantes, muito vivos; nesse momento sofria, mas conservava-se tão dócil e tão paciente no meio das suas dores que não podia deixar-se de o lamentar e de o estimar.

O tratamento durou quinze dias; Jack jamais manifestou revolta; deixava-se voltar, com resignação digna de nota, por isso que se tratava de um pequeno ser essencialmente nervoso.

Logo que o doutor Derban restituiu ao membro ferido a liberdade de que estivera privado duas semanas, o macaco pôs-se a saltar e a brincar com alegria frenética; o quarto da dona não lhe parecia suficientemente vasto para se entregar às suas expansões, tanto a vida se lhe afigurava boa, agora que se via curado.

A partir desse momento, Jack teve para com o clínico as mesmas demonstrações de amizade dispensadas à senhora Delancre. Não sabendo como testemunhar ao senhor Derban o seu profundo reconhecimento, pensou,

sem dúvida, que a melhor forma seria partilhar com ele as guloseimas que lhe ofereciam.

Logo que obtinha uma noz, um bôlo, um torrão de açúcar ou um pedaço de chocolate, trazia-o ao seu querido médico, manifestando-lhe, com ares suplicantes, o seu desejo de ver a oferta recebida.

Se o senhor Derban fazia menção de recusar, Jack juntava as suas mãozinhas de macaco e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas! Prece muda e eloqüente que surtia sempre efeito, pois o bom doutor, não resistindo às instâncias de Jack, e para o não contrariar, metia na algibeira tudo quanto o animal lhe dava com tanta afeição.

A senhora Delancre, vendo estes episódios, ria a bom rir, mas evitava fazê-lo à vista do macaco porque este se zangaria, não compreendendo que esse riso, não era um gracejo às manifestações do seu reconhecimento, tão tocante como sincero, na sua cândida simplicidade.

F I L M

Epitáfio

(Na campa dum senhor que, em vida, tinha o mau sestro de roer as unhas)

.....
Primeiro roeu as unhas,
depois os dedos roeu;
e foi roendo, roendo, ...
roeu-se todo e... morreu!

Ao chegar a casa

A mãe:—«Porque choras, Zézinho?!»

Zézinho:—«Porque o professor me perguntou onde estavam as Berlangas e eu não soube responder-lhe.»

A mãe:—«Bem feito. Tu nunca sabes onde pões as coisas!»

COLABORAÇÃO INFANTIL

A VIAGEM DE BARNABÉ CEBOLAS

Por Fernando Salvador — Desenhos de A. Castañé

NÃO conheceis vós, pequeninos leitores, aquela história do Barnabé Cebolas, que veio a Lisboa para vêr, — (dizia ele,) — «como era isto feito»?

Sabem ou não?

Se dela teem conhecimento, será desnecessário contá-la. Mas estou a vêr as vossas caras e parece-me que demonstram ignorá-la absolutamente.

Começarei pela biografia do nosso ilustre personagem. Permitam-me, pois, que lhes apresente Barnabé Cebolas em mangas de camisa.

Nascera na Parvónia, o nosso Barnabé, onde era considerado um grande sábio no meio intelectual.

Um dia, à maneira de Pedro O Grande, da Rússia, resolveu viajar para adquirir conhecimentos.

Foi, em consequência desta resolução, que resolveu vir até Lisboa. Uma vez chegado à «gare» da estação do Rossio, ficou um pouco aparvalhado, visto ser da Parvónia; mas positivamente não era isto que eu queria dizer e sim que o nosso homem ficou admirado de vêr o belo estilo da estação ferroviária da grande capital.

Ora, como é natural, Cebolas não podia nem devia ficar ali para sempre... Saindo da estação



dirigiu-se para o Cais das Colunas, passando, primeiramente, por diante dos polícias sinaleiros, cujo serviço de sinalização o fez comentar: — «Antão o sôr prior, que é o sôr prior, não me manda andar e éstes polícias não me deixam parar?»

No Cais das Colunas, ficaria o nosso Barnabé admirando as glaucas águas do nosso preguiçoso Tejo, se não fôsse a fome fazer-se sentir.

Como homem prático, que era,
(Conclui na pag. 7)



Dá-me um bonito...

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHOS DE CASTANÉ

— «QUERO um bonito, pelo Natal! Sou pequenito, não faço mal aos passarinhos abandonados! Respeito os ninhos, tão engraçados!

Sou muito amigo da cadelinha; vou, ao postigo, dar esmolinha a' linda pobre que aqui passou e, pão ou cobres sempre lhe dou!

Rezo, ao deitar, uma oração por Deus me dar saúde e pão!

Sempre obedeco a minha mãe, e assim mereço ganhar, também, para brincar, bonitos seus. Promete dar, Menino-Deus? No borralhito puz o sapato! Dá-me um apito! Dá-me um bonito, mesmo barato! — >



HOTEL DA

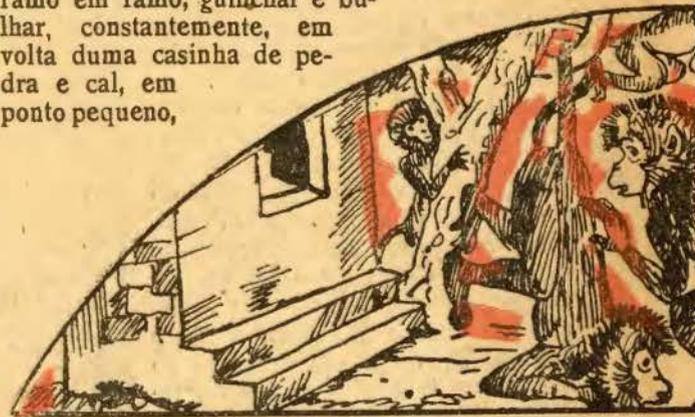
Por AUGUSTO D

Desenhos de ADO



O papá de Chiquinho levou-o, certo dia, ao Jardim Zoológico. Depois de haver percorrido as jaulas das feras, as capoeiras replectas de pássaros exóticos, o recinto da esgalgada girafa e dos avantajados elefantes, Chiquinho riu, a bom rir, observando a *Aldeia dos Macacos*.

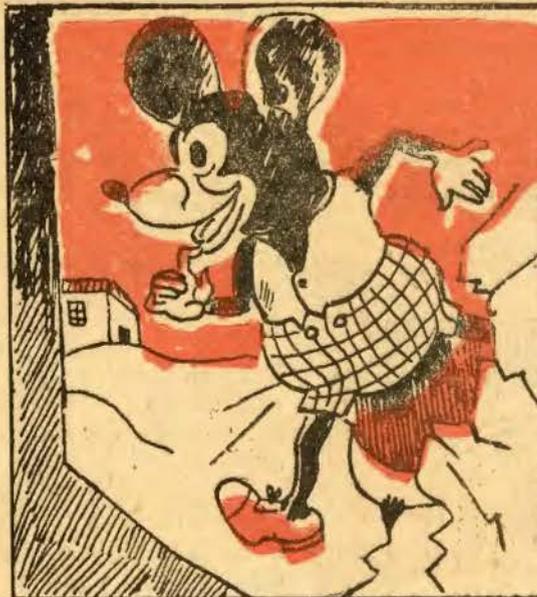
— «lh, que desórdem!...» exclamou o Chiquinho vendo os macaquinhos saltar de ramo em ramo, guinchar e bulhar, constantemente, em volta duma casinha de pedra e cal, em ponto pequeno,



CHIQUINHO era indisciplinado. Ser indisciplinado é não reconhecer a autoridade alheia; é não ser submisso àqueles que sabem mais do que nós; é não obedecer à competência dos nossos superiores. E o Chiquinho era assim: — um doidivanas, um cabeça no ar!

Os pais davam-lhe, constantemente, os seus bons conselhos mas o Chiquinho nunca os acatava. Queria, exclusivamente, guiar-se pela sua cabeça e fazer, apenas, quanto lhe apetecesse.

GATO FELIX E OS D



I — Certo dia «Gato Félix», nada reles por sinal, resolveu fugir da tela e viver vida a valer, uma existência real.



II — Partiu-se o filme em que estava... Que espantava pôr-se a andar?!... sobe a Avenida, a Rotunda e, ligeiro, o cavalheiro ao Luna-Parque vai dar.



III — Anda em toda a parte não fôsse ele audacioso, mete-se no «Wat» e regressa a toda a pressa, papinho cheio de...

BARAFUNDA

DE SANTA-RITA

DOLFO CASTANÉ

onde, de quando em quando, entravam e saíam mas pelas janelas.

Quando o pai lhe explicou que aquela casa era a habitação dos macaquinhos e se chamava *Hotel da Barafunda*, Chiquinho, redobrando o riso, perguntou porque se chamava assim. Então, o pai do Chiquinho, acrescentou:

— «Tem o nome de *Hotel da Barafunda* porque, entre os macacos, não existe a noção da Disciplina.

Todas as pessoas que são



indisciplinadas, fazem a triste figura que fazem estes macacos.

Nunca mais se esquecendo do irrisório espectáculo a que assistira e não querendo tornar a fazer a triste figura dum macaco, Chiquinho passou a ser um menino obediente, metódico, trabalhador, submisso e ordeiro, ou seja: — disciplinado.

■ F I M ■

DESENHOS ANIMADOS



do o «carroussel»,

Water-shoot»

a,
de gozo,

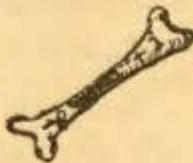
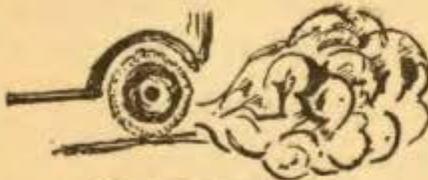
IV — Passa pelo Tivoli e pára, ali, um momento, lendo o programa, o cartaz; nisto, ao ver anunciados uns desenhos animados, chora de enternecimento.

V — Não resiste à sua arte e a tomar parte no «écran». «Gato Félix», grande actor, à profissão tem amor... E' como o «Charlie Chaplin»

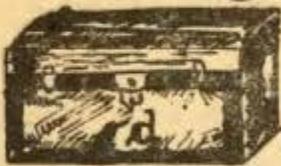
U u U u U



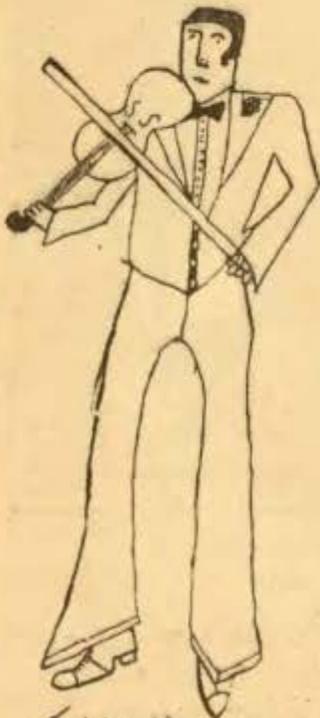
ENIGMA
PITO-
RESCO



PIA



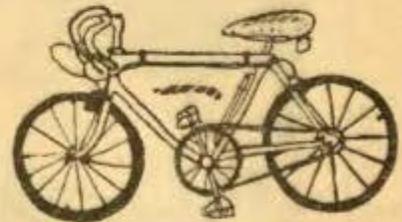
Supremo
Pombal



Endereço e nome da festa



Maceo vicenta - por João Rodrigues
dos Santos de Salvaterra de Magos



João Augusto Fleming, de Olinda 14 anos



Colabo-
ração
Infantil

Palavras cruzadas

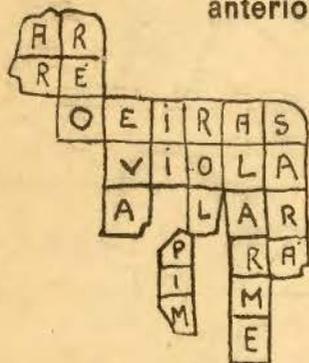
Problema



HORIZONTAIS : — 1, nome feminino; 5, natural da Índia; 6, consoante; 8, combina, harmonisa; 10, pronome demonstrativo feminino; 12, vogal; 13, consoante; 14, preposição francesa; 16, numeral cardinal; 18, vogal.

VERTICAIS : — 1, proeminência lateral da cintura; 2, tempo do verbo ir; 3, moedas espanholas; 4, vogal; 5, tempo do verbo ir; 6, da pátria; 7, devoção, crença; 9, consoante; 11, consoante; 15, numeral cardinal; 17, consoante.

Solução do problema anterior



A viagem de Barnabé Cebolas

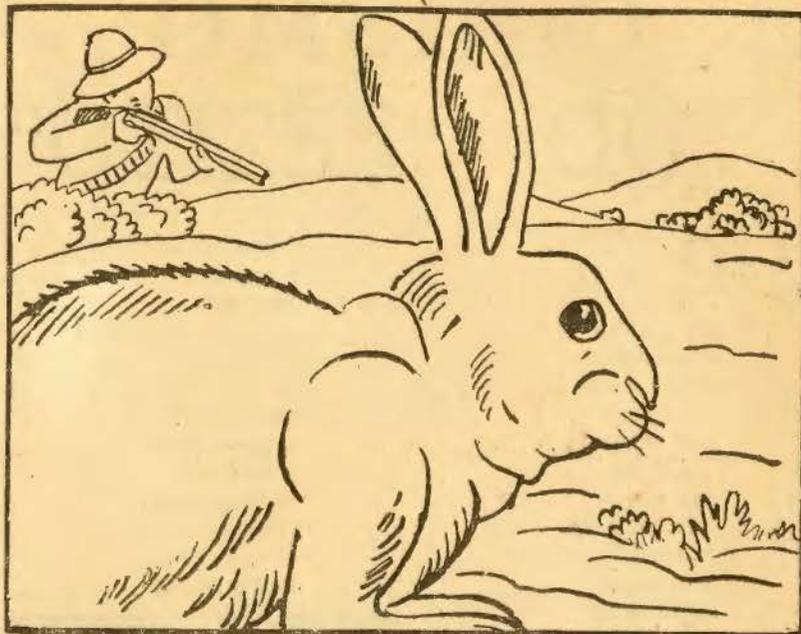
(Continuação da página 3)

achou um meio; dirigiu-se, imediatamente, a um dos tais homenzinhos dos «paulitos» e perguntou-lhe onde poderia comer sem gastar muito.

O polícia indicou-lhe as cozinhas económicas, explicando-lhe, ao mesmo tempo, o caminho que devia seguir.

O nosso bom Barnabé, não sei como se arranjou que tomou em direcção à Rua do Ouro; caminhou para o edifício do teatro Nacional

Para os Meninos colorirem



e, falando consigo mesmo, disse: — «Devem ser aqui as tais cozinhas baratas».

Cebolas, vendo a bilheteira aberta e o empregado lá dentro, pensou logo que devia ser ali.

Falando com os seus botões pôs-se a dizer: — «Mãos à obra, vamos encher a barriguinha.»

— O' «tiozinho», o que há hoje?

— «Fauteuil», cadeiras e balcões.

— «Antão, dê-me meia «litrada» e um «fauteuil» cozido com batatas!»

CHARADAS

1.ª — Qual é a flôr que tem o nome dum homem? (3 sílabas).

2.ª — Qual é o país que, mudando-se-lhe uma letra, é o nome dum homem? (4 sílabas).

3.ª — Qual é a pedra formada por um astro e pelo terreno ocupado pelo trigo na debulha? (3 sílabas).

4.ª — Qual é o rio que vòa? (2 sílabas).

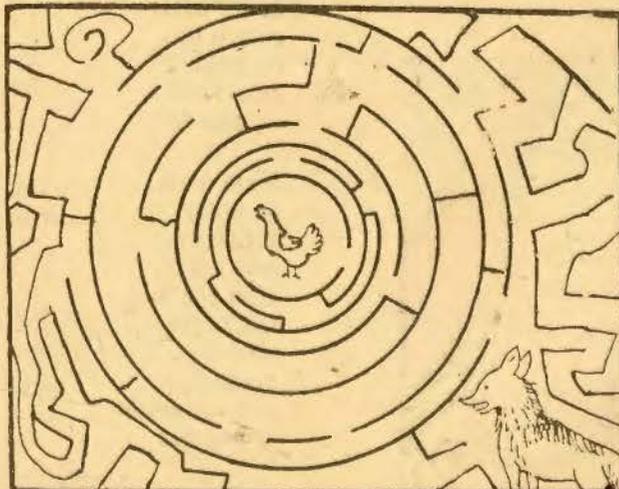
5.ª — Qual é a medida formada por um ponto cardeal e por uma nota musical? (3 sílabas).

6.ª — Qual é a cidade portuguesa que, mudando-se-lhe uma letra, dá madeira? (2 sílabas).

7.ª — Qual é a ilha formada por um adjectivo de comparação e por um advérbio de lugar? (4 sílabas)

8.ª — Qual é a palavra portuguesa, sem direito nem avesso, usada no exercito? (2 sílabas).

LABIRINTO



Meus meninos: — Vejam se descobrem o caminho que o lobo deve seguir para alcançar a galinha?

Solução das anteriores

- 1 — Cráto-Rato
- 2 — Gato-Fato
- 3 — Faca
- 4 — Lula-luva
- 5 — Galo-ralo
- 6 — Pombo-lombo.

O CINISMO DO "ZÉZITO"

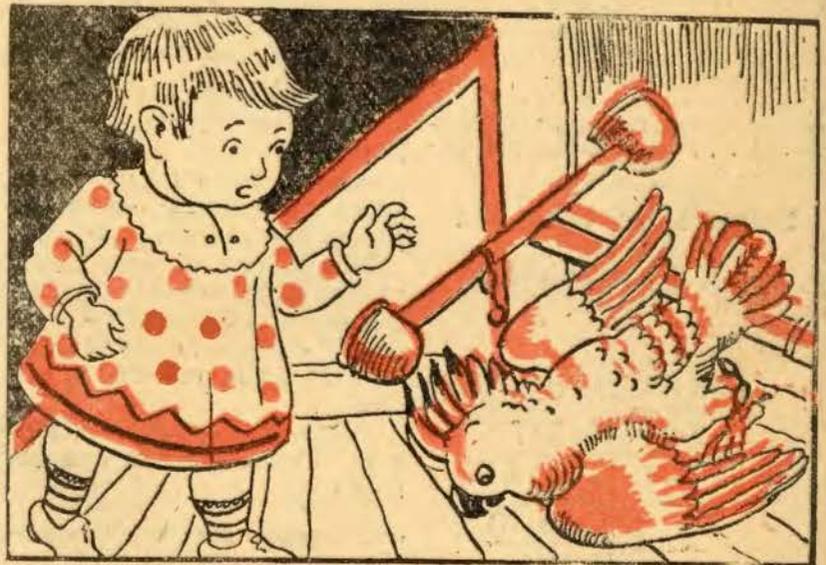
—«O ZÉZITO»,
garotito
levadito
do diabo,
abelhudo,
mexe em tudo
e de tudo
nos dá cabo!»
Tal dizia
sua tia,
quando o via
saltitar,
a brincar
sem parar,
traquinando
e atirando
tudo ao ar.
Que arrelia!

Certo dia,
sem a tia
reparar,
o «Zézito»,
diabito,
deu um grito
de aflição:
atirara
para o chão
uma arara
muito cara,
por ser rara
de tão bela
e que estava
num poleiro
paradeiro
da janela.

Nisto, ao vê-la,
a cadela
amarela,
— (que comprara
seu papá) —
porque dela
não gostava
mesmo nada,
à dentada
mata a arara,
claro está!
O «Zézito»,
muito aflito,



A chalaça
da mentira
por ser «gira»
teve graça,



logo a enterra
numa cova,
com o fito
de evitar
uma sova
de alto lá!

Nisto a tia
ao notar
o poleiro
sem a ave,
com seu ar
muito grave,
interroga
o «Zézito»,
que expedito
retorquiu:

Todavia,
sua tia,
que não gosta
de gracinhas,
deu-lhe tais
palmadinhas
no seu rabo,
que o «Zézito»
garotito,
levadito
do diabo,
nunca mais
deu resposta
de ironia,
nem á tia,
nem aos pais!

—«Foi à terra;
mas deixou
mil lembranças
para o tio!

Por **AUGUSTO DE SANTA-RITA**
Desenhos de **A. CASTANÊ**



FIM